

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

A ESCOLHA DO REPERTÓRIO EM UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO MUSICAL:
UMA REFLEXÃO SOBRE O REPERTÓRIO DO CORO JUVENIL UNIRIO

MELISSA CATHALDO LOPES

RIO DE JANEIRO

2018

MELISSA CATHALDO LOPES

A escolha do repertório em um processo de educação musical:
uma reflexão sobre o repertório do Coro Juvenil UNIRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música sob a orientação do Professor Doutor Julio Moretzsohn.

Rio de Janeiro, 2018

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pois Ele me deu vida, capacitou, sustentou e me permitiu chegar até aqui;

Ao meu pai Marcelo, minha mãe Nolita e meu irmão Akeshi. Vocês são minha família, minha base, meu porto seguro. Todo esse caminho acadêmico seria, no mínimo, 10 vezes mais difícil se não fosse o incentivo, patrocínio, compreensão, auxílio e oração de vocês durante toda essa jornada. Essa realização é nossa! Aproveito para pedir perdão pela ausência e sobrecarga que causei, já que muitas das minhas tarefas não foram realizadas em prol desse trabalho;

A todos os meus parentes que torceram, ajudaram e sempre acreditaram em mim. Em especial minha avó Adeir, meu tio Aristóteles e minha tia Silvia;

A todos os meus amigos. Obrigada pela paciência que tiveram durante esses 5 anos e meio e por entenderem minhas ausências em momentos tão especiais para cumprir com os compromissos acadêmicos.

A todos os colegas de curso que viraram amigos para a vida. Em especial os amigos Jônatas da Silva, Michel Ramos, David Monteiro e Rafael Souza. Obrigada pelas palavras, abraços e por sempre me lembrarem de que não seria fácil, mas que daria certo e valeria a pena;

Aos membros de todo Projeto Vida Nova. Em especial, aos membros do Projeto Vida Nova de Santa Tereza, por todo carinho oferecido a mim, todas as orações e por entenderem minhas ausências nos cultos;

Aos professores/educadores Marcia Brair, Iracito Cerqueira, Sérgio Barboza, Tomaz Soares, Adriana Miana, Cibeli Reynaud, Carlos Alberto Figueiredo, Julio Moretzsohn e a todos os outros professores que tive antes da graduação e também aos que tive oportunidade de estudar na universidade. É por causa do amor e da luta de vocês pela educação que hoje posso ser chamada de professora/educadora.

A todos os cantores do Coro Juvenil UNIRIO. Obrigada por todo carinho dedicado à mim durante o tempo que estivemos juntos. Obrigada aos que participaram da pesquisa. As respostas de vocês não só foi útil para a realização de uma pesquisa, mas acrescentou muito para mim como educadora. Tenho certeza que também acrescentará a todos que tiverem contato com este trabalho;

Ao meu professor e orientador Julio Moretzsohn, por ter aceitado ser meu orientador neste trabalho. Agradeço por toda paciência, confiança, carinho, dedicação, investimento e por me ensinar tanto. Quero ser como você quando crescer!

Gratidão!

“Eu lutei contra a dominação branca, e lutei contra a
dominação negra. Eu tenho prezado pelo ideal de
uma sociedade democrática e livre, na qual todas as
pessoas possam viver juntas em harmonia e com
iguais oportunidades.”
(Nelson Mandela)

LOPES, Melissa Cathaldo. *A escolha do repertório em um processo de educação musical: uma reflexão sobre o repertório do Coro Juvenil UNIRIO*. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos / UNIRIO, 2018. TCC (Licenciatura em Música) - Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância da escolha de um repertório num processo de educação musical. Também busca uma reflexão sobre a utilização de um repertório multicultural e diversificado, levando em consideração o universo cultural dos alunos. É uma pesquisa bibliográfica e descritiva com caráter qualitativo. Tem como referencial teórico Paulo Freire (1996; 1998) - que visa a valorização da identidade, vivência e universo cultural do aluno - e Figueiredo (2006) – numa abordagem sobre o regente, o repertório e a prática coral. Foi realizada uma pesquisa sobre o repertório trabalhado no projeto de extensão Coro Juvenil UNIRIO. Questionários foram entregues aos cantores com o objetivo de identificar como são feitas as escolhas desse repertório, como eles se relacionam com o mesmo e quais os efeitos dessa prática na vida deles. Através das informações coletadas, notamos a importância de ser trabalhado um repertório diversificado e multicultural. O mesmo colabora para o desenvolvimento de nossos alunos como cidadãos e para a ampliação de seus conhecimentos.

Palavras-chave: prática coral, educação, repertório musical, multiculturalismo, identidade cultural, universo cultural

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	22
Gráfico 2	23
Gráfico 3	24
Gráfico 4	25
Gráfico 5	26
Gráfico 6	28
Gráfico 7	29
Gráfico 8.....	29
Gráfico 9.....	34
Gráfico 10.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A PRÁTICA CORAL E A EDUCAÇÃO MUSICAL	10
2.1. A Prática Coral	10
2.2. O papel do canto coral na educação	11
3 REPERTÓRIO, IDENTIDADE CULTURAL E MULTICULTURALISMO.....	14
4 UMA REFLEXÃO SOBRE O REPERTÓRIO DO CORO JUVENIL UNIRIO.....	19
4.1. Projeto de Extensão Coro Juvenil UNIRIO	19
4.2. Sobre os questionários.....	20
4.3. Análise das respostas dos cantores.....	21
4.3.1 Alunos <i>versus</i> Não-Alunos	22
4.3.2 Gêneros escutados antes de participarem do Coro	23
4.3.3 Gêneros já cantados pelo Coro	26
4.3.4. Preferência musical dos cantores.....	27
4.3.5. Gosto dos cantores em relação ao repertório do Coro.....	28
4.3.6 Diferentes repertórios	33
4.3.7 Antes e Depois.....	33
4.3.8 Conhecido <i>versus</i> Desconhecido	35
4.3.9 Novas peças sugeridas pelos cantores	36
4.4 Análise das respostas dos arranjadores	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	41

1 INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com o canto coral aconteceu na Igreja Projeto Vida Nova de Vilar dos Teles, localizada em São João de Meriti - RJ. Minha mãe era responsável pelo Ministério Infantil e em datas comemorativas, como Dia das Mães, Dia dos Pais e Natal, reunia um grupo de crianças e formava um coral para se apresentar na igreja. Comecei a participar desses pequenos grupos corais por volta dos 4 anos de idade.

Mais tarde, através do meu pai e de sua liderança do Ministério de Música da mesma igreja, tive um contato mais aprofundado com diversos conteúdos musicais, como o reconhecimento de notas, acordes, compassos, dentre outros.

Meus pais, notando esse interesse pela música, decidiram me dar um violino de presente quando eu tinha 11 anos. Comecei então a ter aulas desse instrumento. Aos 14 anos de idade fiz uma prova de seleção para participar do Projeto Villa-Lobos e as Crianças. Lá tive aulas de percepção e harmonia, que ampliaram minha formação musical. Nesse projeto tive também a possibilidade de participar de duas formações instrumentais: uma orquestra de cordas e uma orquestra filarmônica. O repertório desses grupos era quase que integralmente voltado para a música de concerto. Nessa época, apesar de minha pouca experiência, já questionava a diferença que existia entre o repertório praticado nesses grupos e aquele que eu costumava ouvir em outros ambientes.

Retomo agora algumas questões que surgiram naquela época para discuti-las no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Essas questões foram ainda mais amadurecidas na minha trajetória dentro do curso de Licenciatura em Música da UNIRIO. Qual seria o papel da escolha do repertório em um processo de educação musical? Que repertórios poderiam fazer parte desse aprendizado? Qual importância do repertório do universo prévio cultural do aluno? Seria possível integrar o repertório do professor ao repertório que faz parte da cultura prévia do aluno? Que ganhos essa integração pode trazer para o processo educacional como um todo?

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da escolha de um repertório num processo de educação musical. Como campo de estudo, pretendemos realizar uma pesquisa junto ao Projeto de Extensão Coro Juvenil UNIRIO, coordenado pelo Prof. Dr. Julio Moretzsohn, do qual participo como bolsista de cultura.

Nosso objetivo é entender como as referências culturais dos cantores são levadas em consideração para a escolha do repertório desse coro e identificar os efeitos da prática musical com esse repertório nos '*contextos de vida*' (GUAZINA, 2011) e nas subjetividades se seus

integrantes. Também queremos entender como o aprendizado de um repertório que não faz parte do universo prévio do aluno, pode enriquecer e complementar a formação musical desses cantores.

Esta pesquisa tem como base estudos na área de etnomusicologia, educação musical e pedagogia. É uma pesquisa qualitativa, na qual entrevistas foram feitas aos arranjadores e aos cantores desse coro, com o objetivo de identificar os motivos que levam a escolha do repertório, saber a opinião dos participantes a respeito do mesmo e de que forma a prática musical utilizando este repertório contribui na vida deles tanto socialmente, quanto musicalmente.

Como referencial teórico, utilizamos o importante trabalho do educador Paulo Freire (1996; 1998), que valoriza muito o universo cultural de aluno no processo de aprendizado. Também utilizamos ideias do regente Carlos Alberto Figueiredo (2006), que traz contribuições para a formação do regente e aborda questões ligada a prática coral. Nosso objetivo é traçar um paralelo com o aprendizado musical. É importante ensinar música partindo, não somente da realidade do professor, mas da experiência e do interesse do aluno.

Freire chama a atenção para uma acomodação que pode ocorrer por parte do professor, ao não levar em conta os interesses do aluno (FREIRE, 1996). São de grande relevância discussões e pesquisas nesse âmbito. A educação é uma troca, não é algo que parte somente do professor, mas também de seus alunos.

A música é um reflexo da sociedade que vivemos, da nossa realidade, da cultura, de nossas crenças e pensamentos. Considerando-se a escolha de repertório num processo de educação musical, deve-se levar em conta o fazer musical de um repertório que já faz parte da vivência cultural do aluno.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo iremos tratar sobre a prática coral nos âmbitos educacional e social. Encontraremos autores como Figueiredo (2006), Freire (1996), Chevitaese (2007), Santos (2007) e alguns outros.

No segundo capítulo deste trabalho, discutiremos sobre o multiculturalismo. Veremos como o repertório é visto e como pode ser trabalhado numa perspectiva multicultural. Encontraremos citações de Candau (2011), Brito (2011), Ribeiro (2015) e Oliveira (2014).

No terceiro capítulo iremos falar sobre o trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão Coro Juvenil UNIRIO. Através de um questionário respondido pelos cantores, iremos analisar como é feita a escolha do repertório e como ele se relaciona com o universo

cultural dos participantes. Encontraremos gráficos com respostas dadas pelos participantes e discussões sobre os resultados encontrados.

2 A PRÁTICA CORAL E A EDUCAÇÃO MUSICAL

Neste capítulo discutiremos o canto coral como uma prática de educação musical. Veremos inicialmente o que é o canto coral, como se deu início e como ele se desenvolveu durante os anos. Discutiremos também seu papel na educação e quais as contribuições dessa prática para o desenvolvimento humano.

2.1 A Prática Coral

Para darmos início à nossa discussão sobre educação musical através da prática coral e o repertório utilizado nesse processo, precisamos entender primeiramente o que é de fato, o canto coral e como se deu o início dessa prática.

A primeira definição da palavra “coro” segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, é “canto de muitas vozes reunidas”. No mesmo dicionário encontramos outras definições, como “balcão onde se canta e se toca nas igrejas” e “a parte da igreja no recinto do altar-mor, onde os cônegos, membros de colegiada e seminaristas fazem as suas rezas em comum”. Com base nessas definições entendemos que coro está diretamente ligado ao canto e a ideia de grupo, conjunto.

Através da narrativa de Lima (LIMA, 2008) sobre a existência de documentos do Egito e da Mesopotâmia revelando a existência de uma prática coral ligada aos cultos religiosos e às danças sagradas, podemos considerar a prática musical bastante antiga. Ela afirma que durante muito tempo, a prática coral esteve diretamente relacionada às festas religiosas. Desde as primeiras reuniões sociais para cultos sagrados, o canto em conjunto estava presente.

Já no Brasil, o canto coletivo existia antes mesmo da vinda dos portugueses para o país. Lima em sua pesquisa afirma que:

Nas tribos de índios brasileiros, o canto coletivo desempenha até hoje importante papel, sendo praticado entre outros, nos rituais de iniciação, nos casamentos, funerais e festas. Esses grupos se unem e através da dança e do canto coletivo utilizado nos rituais, buscam entrar em sintonia para juntos pedir a proteção de seus deuses. (CHEVITARESE, 2007, p.26)

Sabemos que ainda hoje o número de coros ligados à igreja é bastante expressivo, porém encontramos também inúmeros coros que não estão voltados às práticas religiosas. Encontramos coros dos mais variados perfis, coros amadores, profissionais, universitários, de empresas, de escolas, terapêuticos e outros.

Se tratando especificamente da prática coral na escola no Brasil, é importante reafirmar a grande importância e influência de Heitor Villa-Lobos. De acordo com Silva, Villa-Lobos acreditava que “a música tinha uma função social nacionalista e a educação deveria empenhar-se para desenvolver essa função na escola”. Ainda segundo a autora, ele “ligou tal função social às raízes folclóricas e populares da música brasileira que, posteriormente, junto a outros elementos, alicerçariam suas propostas educativas musicais”. (SILVA, 2014, p.68)

Mediante as transformações modernistas e a ideia da Escola Nova no século XX, surgiram “no Brasil, nos anos 1930, duas correntes metodológicas musicais: o canto orfeônico e a iniciação musical, ambas vinculadas ao nacionalismo característico dessa fase política” (SILVA, 2014, p.68). Villa-Lobos esteve diretamente ligado ao canto orfeônico no Brasil. Segundo Silva, para ele “o canto orfeônico obrigatório nas escolas do Brasil, pelo decreto no. 18.890, de 18/04/1931, reunia todos os fatores essenciais à musicalização, à socialização, à formação moral, cívica e estética” (SILVA, 2014 p.68-69).

Esse movimento foi de grande importância para a disseminação da prática coral nas escolas brasileiras. Contudo, ele não se manteve com apoio institucional, pois, como Silva (2014, p.70) nos afirma, mediante a promulgação da LDB 4.024/61, o Canto Orfeônico foi extinto do currículo das escolas, surgindo em seu lugar a disciplina Educação Musical. Ainda de acordo com a autora, a situação foi agravada através da

“lei 5.692/71, artigo 7º, que institui a obrigatoriedade do Ensino da Educação Artística nos currículos de 1º e 2º graus. A partir desse momento, a disciplina de Educação Musical passou a ser diluída juntamente com formas de expressão artísticas plásticas, cênicas e de desenho, levando o canto coletivo a perder, gradativamente, seu espaço na escola regular. (SILVA, 2014, p.70)

Mais recentemente, a Educação Musical retoma seu espaço de destaque nas escolas brasileiras, após a aprovação da Lei nº 11.769/2008 - Lei que torna obrigatório o ensino de música na educação básica. Através desse movimento, a prática coral e a educação musical parecem ter tomado um novo impulso. Com isso, muitos coros - e também outras práticas musicais - vêm se desenvolvendo em diferentes lugares do país, ampliando assim, o alcance das práticas educacionais e musicais.

2.2 O papel do canto coral na educação

Depois do histórico da prática coral na escola brevemente apresentado neste trabalho, veremos a importância e o potencial que essa prática tem em relação ao desenvolvimento humano. A grande regente Elza Lakschevitz afirma que:

Uma pessoa, para cantar no coro, tem que respeitar o colega. Tem que saber ouvir. Você não pode querer ser mais ou menos que ele, mas se colocar num lugar de igualdade. Tem que entrar na hora certa, seguir instruções do regente. [...] Da mesma forma que você depende do grupo, ele também depende de você. Essa é uma das coisas importantes do coro. (LAKSCHEVITZ, 2006, p.53)

Outro renomado regente é Carlos Alberto Figueiredo. Ele afirma em um de seus trabalhos que a prática coral

[...] desenvolve tanto o lado físico quanto psicológico de um cantor. Desde o simples ato de respirar de maneira disciplinada até o “se expor”, cantando, traz benefícios permanentes para um coralista. Além disso, a atividade coral é associativa por excelência, sendo um trabalho de equipe, que, bem conduzido, prepara indivíduos para uma convivência positiva em sociedade. (FIGUEIREDO, 2006, p.9)

Além da socialização que ocorre entre os coristas, ocorre também o mesmo processo entre eles e o regente/educador. Segundo Figueiredo (2006, p.5), o regente coral é um agente modificador do coro, mas também é modificado por ele. Podemos observar essa troca e modificação na fala de Freire (1996, p.28) afirmando que “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina”.

Assim como Villa-Lobos, outro educador bastante importante no Brasil foi Paulo Freire. Mesmo não estando diretamente ligado à música, Freire traz ideias muito significativas para a educação e seus processos. Seus livros têm sido utilizados com frequência em trabalhos acadêmicos e suas ideias têm se tornado base para muitos professores e educadores.

Freire luta contra um sistema de dominação de consciência, contra o que ele chama de “pedagogia das classes dominantes”, onde o professor se mantém no papel de detentor do saber e utiliza essa posição como meio de dominação de consciência e manipulação. Lima em um trecho de seu texto diz que

Um aspecto do Método Paulo Freire é a defesa de uma educação dialógica, sem a perda do rigor, do intuitivo, da criatividade e do elemento afetivo. Partindo de temas diretamente relacionados com as experiências vivenciadas pelos grupos com os quais estava trabalhando e com as necessidades humanas, educador e educando, através do diálogo franco e aberto, analisam criticamente os problemas de seu mundo. Surge com ele uma nova relação professor x aluno, onde o professor não está acima do aluno, mas lado a lado com ele, e o saber de ambos interage durante todo o processo educativo. Nesse contexto o professor é um companheiro, um orientador que também busca e aprende ao ensinar. (CHEVITARESE, 2007, p. 57)

Outro aspecto defendido por ele é que só é possível existir uma educação libertadora, uma educação onde o estudante consiga sua autonomia, quando o estudante e toda sua bagagem são a base de um processo educacional. Tendo essa educação libertadora como base

num processo de educação musical, não podemos tratar o repertório e as questões que o envolve de qualquer maneira.

Com base nas ideias de Freire, Lima tem como proposta em seu trabalho:

[...] aplicar a essência das teorias de Joffre Dumazedier e de Paulo Freire ao canto coral, transformando o ensaio em um espaço de lazer onde diálogo, reflexão e questionamento são uma constante. Como ponto de partida para os debates serão utilizadas as músicas do próprio repertório coral. (CHEVITARESE, 2007, p. 60).

Através disso, podemos ver que mesmo sendo aplicadas em áreas diferentes, essa troca e socialização estão presentes em qualquer processo educacional. Um dos maiores desafios como participantes desse processo é conseguirmos despertar o interesse dos alunos por nossas aulas e práticas educativas. Isso se torna mais difícil quando se trata de coro, que por muitas vezes é visto como algo antigo, chato e sem graça.

Considerando o repertório como bagagem do aluno e como “elo principal entre todos os agentes que participam da atividade coral [...] e o fio condutor das atividades desenvolvidas pelo conjunto” (FIGUEIREDO, 2006, p.25), é de extrema importância um cuidado na hora da escolha.

3 REPERTÓRIO, IDENTIDADE CULTURAL E MULTICULTURALISMO

Neste capítulo, falaremos dos diferentes tipos de repertório que podem ser trabalhados em um processo de educação musical. Discutiremos também como a identidade cultural do grupo se reflete nesse repertório, trazendo assim, a importância da utilização de um repertório diversificado.

O repertório que pode ser trabalhado nos diferentes processos de educação musical é bastante amplo e diversificado. Se observarmos as diferentes épocas e estilos somente no Brasil, teremos uma gama de peças para serem utilizadas. Se considerarmos o que é produzido em diferentes países então, esse número será facilmente multiplicado.

Encontramos diferentes possibilidades como música sacra e/ou profana, erudita e/ou música popular e de tradição oral, nacional e internacional, dentre outras. Essas são apenas algumas das muitas opções de gêneros e estilos a ser trabalhados. Vemos também a variedade de peças populares de outros países, tornando possível a utilização de um repertório vasto. Além dessas, podemos considerar também as músicas veiculadas pela mídia.

A escolha do repertório a ser trabalhado em nossas turmas é bastante importante. Sabendo disso, Bueno (2014) nos mostra três aspectos relacionados à escolha de repertório, reforçando assim a necessidade do cuidado ao selecionarmos as peças. A autora afirma que

A tensão existente no momento de selecionar o repertório se dá no sentido de contemplar os seguintes discursos musicais: a) aqueles trazidos pelos estudantes para a sala de aula, b) os que compõem o *habitus* cultural do professor de música, e c) aqueles que o professor pensa ser imprescindível para a formação do estudante. (BUENO, 2014 *apud* COSTA, 2017, p.55, grifo do autor)

Através dessa afirmação, percebemos as diferentes culturas que encontramos em sala de aula e a importância delas se relacionarem. Pensando nesses aspectos e observando todas as possibilidades de peças que temos acesso, percebemos que é importante a preparação do educador para lidar com todo esse acervo e essa questão multicultural. É interessante analisarmos então, o que é o multiculturalismo.

Candau (2011, p.9) diz que uma das dificuldades de discutir sobre multiculturalismo é a polissemia do termo, e que o primeiro passo para entender essa problemática é diferenciar duas abordagens: uma delas descritiva, a outra propositiva. Ela narra que a abordagem descritiva afirma ser o multiculturalismo

uma característica das sociedades atuais. Vivemos em sociedades multiculturais. Podemos afirmar que as configurações multiculturais dependem de cada contexto histórico, político e sociocultural. O multiculturalismo na sociedade brasileira, como já foi destacado, é diferente daquele das sociedades europeias ou da sociedade estadunidense. Nesta concepção se enfatizam a descrição e a compreensão da

construção da configuração multicultural de cada contexto específico. (CANDAU, 2011, p.19-20)

Já na perspectiva propositiva, a autora

entende o multiculturalismo não simplesmente como um dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social. Trata-se de um projeto político-cultural, de um modo de se trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade, de conceber políticas públicas na perspectiva de radicalização da democracia, assim como de construir estratégias pedagógicas nesta perspectiva. (CANDAU, 2011, p.20)

Após a distinção dessas abordagens, a autora apresenta em seu texto o multiculturalismo interativo, também conhecido como interculturalidade. A mesma afirma que a perspectiva intercultural que defende “quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais”. (CANDAU, 2011, p.23)

Walsh (2011, p.10-11) declara que a interculturalidade é:

- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.
- Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.
- Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados.
- Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modo de responsabilidade e solidariedade.
- Uma meta a alcançar. (WALSH, 2001 *apud* CANDAU, 2011, p.23-24)

Porém, antes que haja reconhecimento da cultura do outro, é necessário que proporcionemos “espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal, situando-a em relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país.” (CANDAU, 2011, p. 25-26).

Considerando todas essas citações, notamos a profundidade e a importância de desenvolvermos um trabalho buscando a consciência da nossa identidade cultural e o respeito pela cultura do outro. Na educação musical, isso pode ser diretamente trabalhado através de diálogos durante o processo de escolha do repertório, trazendo assim a importância da utilização de um repertório multicultural.

Considerando a diversidade que temos no nosso país, encontramos muitas turmas com características diferentes, mesmo estando em uma localidade próxima ou na mesma região. Se considerarmos todo o território brasileiro, teremos inúmeros gostos e formações

culturais diferentes. Mesmo tratando-se de apenas uma turma, é possível notar diferenças na formação cultural dos alunos.

Através disso, podemos afirmar que os estudantes de uma mesma turma podem ter opiniões diferentes sobre o repertório do grupo. Alguns gostarão mais de uma música, enquanto outros se identificarão com outra. Sendo assim, qual seria o papel do educador ao selecionar um repertório para seu grupo? O que deve ser levado em consideração para que haja sentido para os alunos trabalharem aquela peça?

Figueiredo (2006, p.25) compara a relação entre o regente e o coro como a de um casamento, “ou seja, pessoas que estabelecem um vínculo entre si, visando, entre outras coisas, um desenvolvimento comum”. Como podemos observar, existem dois sujeitos participantes, assim como Freire defende para que haja um processo educacional. Portanto, essa relação pode existir em outras práticas, além do canto coral.

Figueiredo também nos apresenta também dois fatores que estão totalmente ligados à escolha do repertório, que é o querer e o poder. O querer é de fato, o coro e do regente estarem disponíveis e querendo trabalhar o repertório. Já o poder pode-se entender que está ligado a “habilidade musical para realizar a obra”. (FIGUEIREDO, 2006, p.25)

Sabemos que muitos educadores apenas repetem as peças que fizeram parte de sua própria experiência anterior. Isso não é totalmente errado. É claro que cada indivíduo traz consigo sua história e pode ver sentido em utilizar algo que foi significativo em seu aprendizado. Contudo, é importante também estar atento à realidade de seu grupo e de seus integrantes.

Em vários períodos da história foram compostas peças para as mais diversas formações e talvez, nós já tenhamos até interpretado algumas delas durante nossa formação. Assim como nossos alunos, nós também temos nossa identidade e universo cultural, e gostamos de muitas peças. Porém, muitas das vezes ao iniciarmos um trabalho de educação musical, trazemos como repertório para nossos alunos algumas dessas peças sem ao menos investigarmos a realidade e formação cultural deles.

Essas peças antigas e eruditas podem estar presentes no repertório. Isso não é errado, pelo contrário, é enriquecedor. Porém, é necessário compreender primeiramente se nossa turma está motivada e aberta o suficiente para aceitar esse tipo de música no repertório. Não podemos apresentá-lo de forma superior ou melhor que um repertório popular. Subtil (2007) comenta sobre a relação da cultura erudita e da popular dizendo:

Entende-se a necessidade de pensar no conhecimento erudito, historicamente acumulado, como um direito de acesso às camadas populares, que têm na escola a única possibilidade de elevação do patamar cultural. No entanto, ignorar e mesmo

desconsiderar a cultura que nos circunda, via emissão midiática, em especial a música, é manter uma postura elitista, fechada, que considera tudo o que tem “cheiro de povo” como inculto, vulgar, de mau gosto. (SUBTIL, 2007 *apud* RIBEIRO, 2015, n.p.).

Entendendo a importância de se levar em consideração a cultura que circunda nossa turma, é de grande valia buscarmos conhecer nossos alunos. Uma das primeiras coisas que precisamos analisar antes de iniciarmos qualquer trabalho com eles, é analisarmos com quem estamos trabalhando. A localização geográfica dessa escola, a idade dos alunos, a vivência e a experiência deles são fatores que devem ser observados logo de início e levados em consideração durante o processo educacional e inclusive na escolha do repertório, pois cada grupo tem seu perfil, características e preferências.

Ribeiro narra que em seu período de estágio na graduação, tanto ele quanto os outros estagiários, sempre procuravam conhecer a turma para qual dariam aula avaliando os gostos musicais dos alunos, para somente depois organizar o plano de aula para aquela turma. Concordando com a prática de Ribeiro junto de seus colegas estagiários, é imprescindível um mapeamento de nossos estudantes antes de iniciarmos qualquer repertório com eles. Esse mapeamento será bastante útil para conhecê-los e assim, podermos selecionar um repertório para aquele grupo específico, desenvolvendo um trabalho objetivo e de excelência (RIBEIRO, 2015, n.p.).

Santos afirma que “não há como propor uma pedagogia musical adequada sem compreender as realidades socioculturais dos alunos” (SANTOS, 2017, p.16). Cada aluno e turma são únicos. Se não buscarmos compreender suas realidades e através delas trabalharmos os conteúdos necessários, não podemos afirmar que nossa pedagogia está adequada para aquele grupo.

Pesquisas têm investigado a importância de um repertório próximo, familiar ou de interesse do aluno na “construção de processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os estudantes” (OLIVEIRA, 2014, p.504). Corroborando com essa pesquisa através de sua percepção e experiência, Ribeiro traz seu relato dizendo que:

[...] quando os alunos trabalhavam com músicas de seu conhecimento ou preferências, a motivação era sem dúvida muito maior, pois a linguagem em evidência fazia parte do seu âmbito vivencial. Por outro lado, quando proposta ou exposta alguma atividade ou informação distante de suas delimitações, os mesmos se tornavam alheios e deixavam de atentar para os propósitos, se tornando dispersos. (RIBEIRO, 2015, p3)

É válido considerarmos a vivência e o gosto musical dos estudantes durante as aulas. Se essa identidade cultural estiver expressa de alguma forma nesses encontros, haverá uma melhor interação e participação dos mesmos. Nossos alunos se tornarão muito mais abertos

para participação se utilizarmos um repertório com o qual se identifiquem. Porém, essa ideia de identificação não significa necessariamente utilizarmos peças trazidas e conhecidas por eles, mas sim músicas que eles consigam estabelecer alguma relação com sua vivência ou que desperte seu interesse e curiosidade em aprendê-lo.

Muitas das peças trazidas por nossos alunos são músicas pertencentes a todo o universo da indústria cultural, veiculadas pela mídia. Teca de Alencar Brito, uma autora bastante experiente na área musical com educação infantil escreve em um de seus trabalhos que “é aconselhável aproveitar as contribuições que as próprias crianças trazem, o que não significa trabalhar apenas com as músicas veiculadas pela mídia, que costumam ser, infelizmente, as menos indicadas para a realização do trabalho”. (BRITO, 2003, p.94)

Sua visão de trabalho é bastante interessante. A ideia de não nos atermos somente ao repertório trazido pelos alunos deve ser valorizada, pois, gera conhecimento de novos repertórios e uma ampliação de suas culturas. Contudo, acredito que a música da mídia também pode trazer novos conhecimentos e enriquecimento cultural.

A autora em outro trecho de seu livro diz que:

As muitas músicas da música - o samba ou o maracatu brasileiros, o blues e o jazz norte-americanos, a valsa, o rap, a sintonia clássica européia, o canto gregoriano medieval, o canto dos monges budistas, a música concreta, a música aleatória, a música da cultura infantil, entre muitas outras possibilidades - são expressões sonoras que refletem a consciência, o modo de perceber, pensar e sentir de indivíduos, comunidades, culturas, regiões, em seu processo sócio-histórico. Por isso, tão importante quanto conhecer e preservar nossas tradições musicais é conhecer a produção musical de outros povos e culturas e, de igual modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical. Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro - próximo ou distante. (BRITO, 2003, p.28)

Nós, como educadores, podemos e devemos auxiliar nossos alunos a ampliar seus conhecimentos e culturas, assim como o convívio com eles também pode ampliar nossos. Para que essas ampliações ocorram através do repertório trabalhado em nossas aulas, não convém nos mantermos presos somente a um tipo de música ou gênero, mas um repertório diversificado e multicultural, tanto sugerido pelos alunos, quanto oferecido por nós, educadores.

Esse não é um trabalho simples e fácil. É necessário que haja investimento de tempo, atenção, pesquisa e dedicação do educador ao grupo para que os encontros sejam produtivos e interessantes. Assim como queremos nossos alunos abertos para novas visões e perspectivas, precisamos estar abertos para o que virá da parte deles também.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE O REPERTÓRIO DO CORO JUVENIL UNIRIO

Sabemos que o desenvolvimento do homem e sua atividade em vários níveis da sociedade, resultaram no surgimento de muitos tipos de coros. Encontramos hoje uma variedade enorme de grupos no Brasil e no mundo. Coros de escolas, coros independentes, coros de empresas, coros profissionais, coros de crianças, juvenis, adultos, de terceira idade, dentre outros.

Nesta parte do trabalho, faremos um levantamento das opiniões dos integrantes de um coro juvenil - localizado no Rio de Janeiro - sobre seu repertório. Eles utilizam um repertório bastante diversificado, sendo composto por peças eruditas, populares, sacras, de tradição oral, midiáticas, dentre outras.

Com base nas discussões apresentadas nos capítulos anteriores, buscaremos entender de que forma as músicas que são cantadas, estão relacionadas à cultura e formação de seus integrantes. Buscaremos também entender se esse repertório faz parte ou não do gosto dos cantores, como é feita essa escolha e se os cantores participam desse processo ou não.

Veremos também - através das respostas dadas pelos arranjadores - quais os motivos que levaram os arranjadores a escolher estas peças. Verificaremos se os cantores foram consultados, se as peças foram pedidas por eles ou não.

Considerando todas as reflexões anteriores e questão central deste trabalho, considero a pesquisa realizada com o Coro Juvenil UNIRIO de grande valia. Este Coro recebe moradores de vários lugares do Rio de Janeiro, com idades e vivências diferentes. Sendo assim, poderemos observar o trabalho que é desenvolvido por eles e como eles lidam com essas diferenças através do repertório.

4.1. Projeto de Extensão Coro Juvenil UNIRIO

Nesta parte iremos analisar o repertório trabalhado pelo Coro Juvenil UNIRIO, de que forma os cantores lidam com o mesmo e como a prática coral interfere na subjetividade e contexto de vida deles.

O Coro Juvenil UNIRIO é um projeto de extensão realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo Prof. Dr. Julio Moretzsohn. Foi criado em setembro de 2013 com o objetivo de realizar um trabalho de musicalização de jovens entre 12 e 18 anos.

É formado por jovens de diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro, alguns já tendo participado de coros e outros iniciando sua experiência nesse coro. Conta com a participação de alunos da Universidade que cursam licenciatura e bacharelado em música, que através desse projeto tem a oportunidade de atuar como regentes corais, professores de técnica vocal, monitores de voz, arranjadores, compositores e pianistas acompanhadores, tendo assim a possibilidade de uma prática acadêmica mais próxima da realidade do mercado de trabalho.

Temos também como participantes do coro, ex-alunos dos cursos de música da UNIRIO. Esses, apesar de já terem concluído seus cursos, também encontram ali uma oportunidade de aprofundar sua experiência em coros juvenis e aprofundar sua formação. Muitos deles também participam do coro como arranjadores, colaborando assim para o trabalho que é desenvolvido neste grupo.

No coro temos também colaboradores como integrantes. Os colaboradores são pessoas que não são alunos da UNIRIO e que estão em uma faixa etária acima dos 18 anos, mas que gostam de cantar e participam do grupo, contribuindo para que o trabalho artístico possa ser aprimorado. Atualmente o grupo conta com a participação de 61 cantores.

Se tratando dos alunos participam do Coro, muitos deles entram cumprindo disciplinas da grade curricular e ao final do período nem todos permanecem no grupo. O mesmo acontece com os jovens que passam no vestibular para uma Universidade - salvo os que passam para música, que geralmente continuam - ou precisam abrir mão do horário do ensaio por cursos e outros motivos. Isso torna o tempo de participação deles muito diferentes e conseqüentemente, uns cantores têm mais conhecimento sobre o repertório trabalhado que outros, o que poderá ou não interferir nas respostas dos mesmos nos questionários.

Apesar de muitos dos alunos de música não permanecerem durante um longo período no coro, o tempo que frequentam é bastante significativo. É significativo para eles, pois podem escrever e reger seus arranjos, treinando assim a escrita para coro, as técnicas de regência e podendo ouvir como soa e se funciona bem para aquele grupo. Esse processo também é significativo para os outros participantes, pois eles têm contato com pessoas que entendem os parâmetros musicais e enriquecem seus conhecimentos através dos ensaios e apresentações com regentes diferentes.

4.2. Sobre os questionários

Foram elaborados dois questionários para a realização dessa pesquisa. O primeiro questionário foi distribuído para todos os cantores - independente se aluno, ex-aluno ou não-aluno - e era composto por 15 questões, sendo 6 discursivas e 9 de múltipla escolha.

As questões foram pensadas a fim de saber se eram alunos ou não da Universidade, de saber o que os cantores ouviam antes de participarem do coro, os gêneros que já cantaram nessa prática coral e suas preferências musicais. Também buscamos entender a relação deles com o repertório ali trabalhado, como eles encaram a diversidade das peças e se elas contribuíram para a ampliação do gosto musical e do conhecimento dos cantores.

O segundo questionário foi criado pensando especificamente nos arranjadores, tendo em mente que, muitas das vezes, nós regentes e educadores precisamos escolher um repertório e criar arranjos ou adaptá-los para nossos coros. Este continha seis questões - também discursivas e de múltipla escolha - com o objetivo de saber se os arranjadores eram estudantes da UNIRIO, se fizeram/fazem parte do coro, quais as motivações que os levaram a criar arranjos para o grupo, qual a peça escolhida para o arranjo, quais os motivos de escolherem essa peça e se a mesma foi sugestão dos cantores.

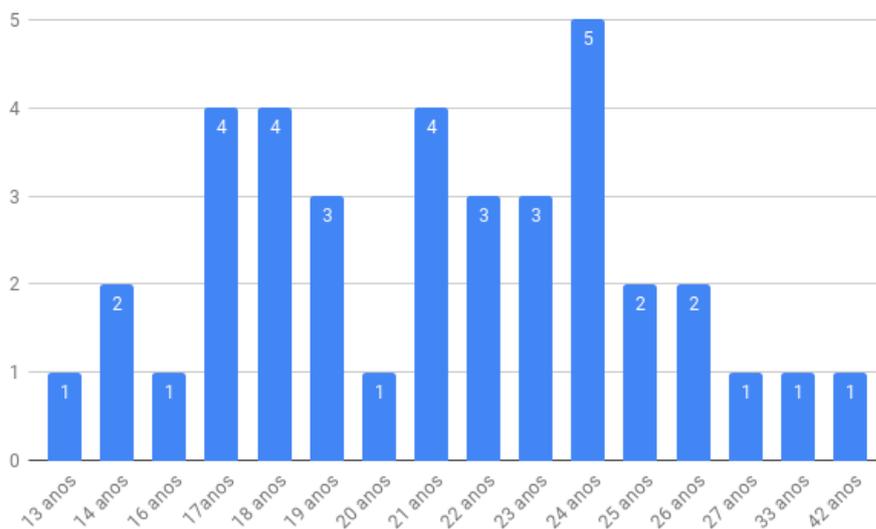
4.3. Análise das respostas dos cantores

Nesta seção analisaremos as respostas dos questionários entregues aos cantores. Vamos observar como é relação dos integrantes com o repertório trabalhado pelo grupo. Veremos também se existe um conhecimento prévio de parte do repertório dos cantores e como eles lidam com peças desconhecidas por eles.

É importante dizer que algumas das respostas que serão apresentadas neste trabalho são individuais e não são o reflexo da opinião do grupo como um todo. Ainda assim, considere importante comentá-las aqui a fim de levantar questões importantes sobre a relação dos integrantes com o repertório e que raramente são ditas. Este questionário anônimo permitiu a expressão de opiniões e sentimentos que não são percebidos e compartilhados no dia-a-dia do trabalho do Coro.

Também é válido dizer que de todos os 61 participantes do Coro, 38 foram os responderam o questionário e participaram da pesquisa. Segue abaixo um gráfico mostrando a quantidade de cantores que responderam o questionário, separados por idade.

Gráfico 1 - Cantores entrevistados de acordo com a idade



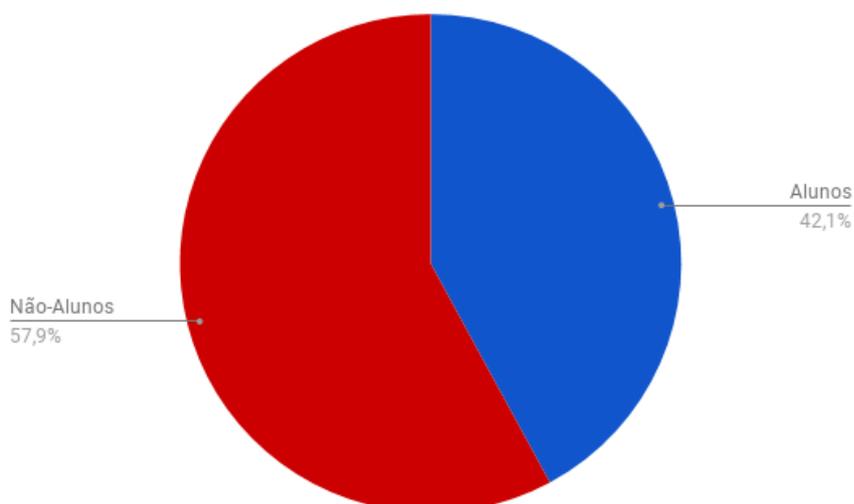
Fonte: Elaborado pela autora

Apenas um integrante não informou a idade, mas colocou seu nome no questionário. Através dessa informação, conseguimos incluí-lo neste gráfico separado por idade. Depois de explicitarmos a idade dos cantores, os separamos em grupos verificando a quantidade de pessoas em cada grupo. Considerados público alvo deste trabalho, temos 12 integrantes na faixa etária de 13 a 18 anos. Temos 16 alunos e as idades variam de 19 a 42 anos. No grupo não-alunos (ex-aluno e colaboradores) temos 10, de 19 a 26 anos.

4.3.1 Alunos *versus* Não-Alunos

A primeira questão do questionário foi de múltipla escolha, onde os participantes deveriam assinalar se eram ou não estudantes de música da UNIRIO. Essa pergunta foi feita com a intenção de verificar se haveria alguma influência na resposta da segunda questão, pelo fato de termos alunos do curso de música.

Gráfico 2 - Alunos e Não-Alunos



Fonte: Elaborado pela autora

O resultado dessa pergunta foi de que os estudantes de música da UNIRIO que fazem parte do Coro correspondem a 42,11% do total de entrevistados na pesquisa. Os outros 57,89%, correspondem aos participantes do Coro que não são alunos do curso de música da UNIRIO, como podemos visualizar no gráfico abaixo. Os alunos têm entre 19 e 42 anos e não alunos têm entre 13 e 26 - considerando os jovens público alvo deste trabalho - mostrando assim, que o grupo de não-alunos um grupo mais jovem que o de alunos.

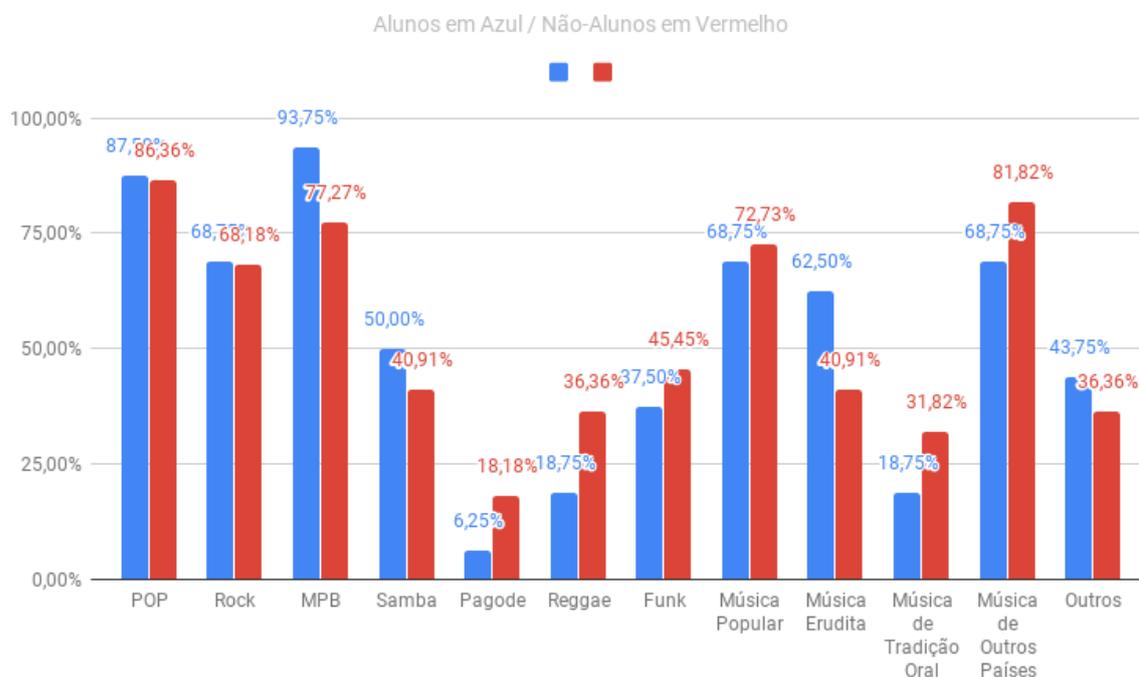
4.3.2 Gêneros escutados antes de participarem do Coro

A segunda questão era referente aos gêneros musicais que os integrantes escutavam antes de entrar para o Coro. Era uma questão de múltipla escolha e era permitido marcar mais de uma opção. Foram propostos vários gêneros diferentes, sendo eles: Pop, Rock, MPB, Samba, Pagode, Reggae, Funk, Música Popular, Música Erudita, Música de Tradição Oral e Música de outros países. Foi colocada também a opção “Outros”, para que outros gêneros além dessa listagem pudessem ser incluídos. Acreditamos importante incluir uma lista de gêneros para estimular os integrantes e pensarem sobre quais gêneros já conheciam e como se relacionavam a eles. Também ter consciência de que havia gêneros que desconheciam, ou que apesar de já terem ouvido o nome, não sabiam exatamente o que significavam.

As respostas desta questão foram separadas em dois grupos: alunos em azul e não-alunos em vermelho. Cada grupo foi descrito separadamente em nossa análise. Observando o

gráfico abaixo, podemos notar que existem alguns gêneros que são mais escutados que outros, mas ainda assim, todos eles foram assinalados.

Gráfico 3 - Gêneros musicais escutados antes de entrar para o Coro
(divididos em dois grupos)



Fonte: Elaborado pela autora

Esses dados nos levam à reflexão de qual universo cultural os integrantes trazem consigo de sua história pessoal. Essa observação nos remete ao que Brito (2011) afirma com base no pensamento de Koellreutter, onde nos traz a importância da “observação e respeito ao universo cultural do aluno com seus conhecimentos prévios, necessidades e interesses” (BRITO, 2011, n.p.).

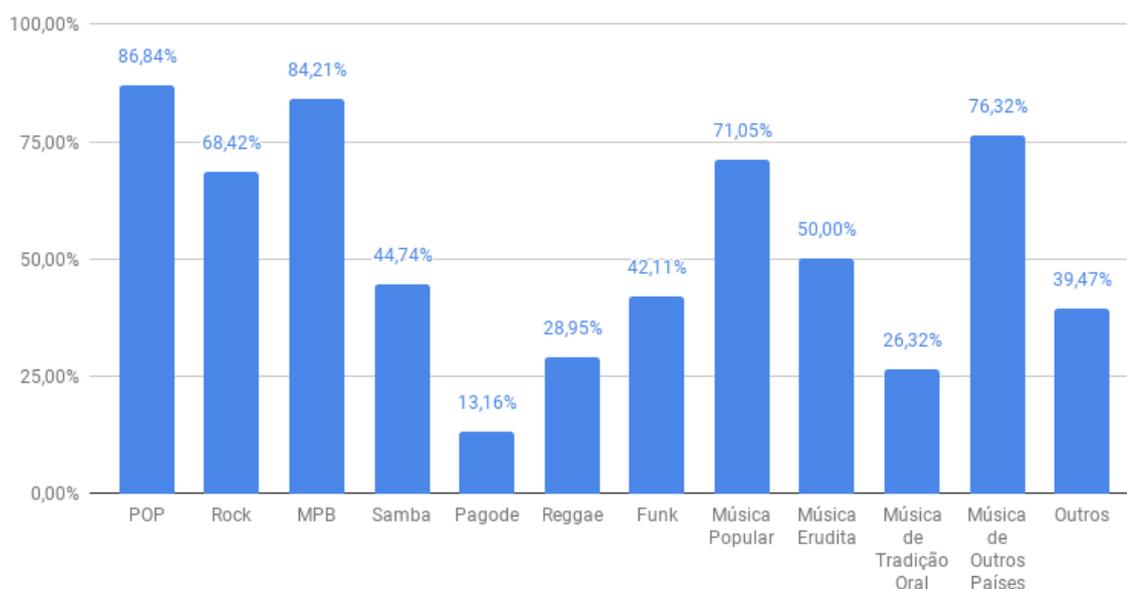
Se os cantores trazem consigo um universo próprio tão rico, isso deve fazer parte das preocupações de um regente quando seleciona as obras que serão executadas pelo seu grupo. Um diálogo constante desse universo conhecido com novas propostas de repertório desconhecido é uma parte importante do processo educacional.

Podemos observar que a maior diferença entre o que os alunos e não-alunos escutavam, foi na Música Erudita e que ultrapassou pouco mais de 20%. A menor diferença entre eles foi, no gênero Rock com menos de 1% entre os grupos. Essa divisão entre alunos e não-alunos nos mostra que apesar das diferenças de 0,5% a 20%, que poderiam ser bastante significativas dependendo da questão a ser discutida, quando olhamos de uma maneira geral,

vemos que existe um equilíbrio dos gêneros escutados por eles e não há uma diferença muito contrastante entre os grupos.

Notando isso, criamos outro gráfico com os resultados unindo os dois grupos. Através dele podemos ver que os gêneros mais escutados pelos participantes antes de entrarem para o coro eram Pop, MPB, Música de Outros Países e Música Popular, e os menos ouvidos eram Pagode, Música de Tradição Oral e Reggae.

Gráfico 4 – Gêneros musicais escutados antes de entrar para o Coro
(todos os participantes)



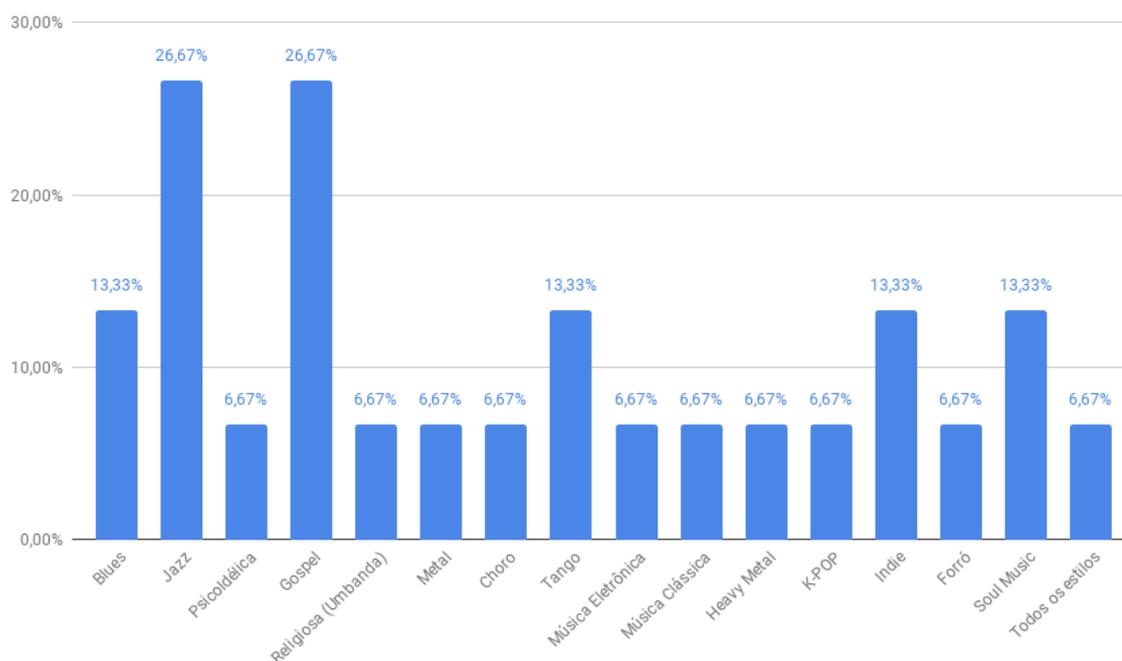
Fonte: Elaborado pela autora

No momento em que foram aplicados os questionários, muitos dos participantes relataram que havia um estilo repetido. Para eles, os gêneros MPB e Música Popular seriam a mesma coisa. Foi explicado que essa seria uma discussão bem trabalhosa e profunda, pois o que de fato seria a Música Popular Brasileira? Seria diferente Música Popular e MPB? Nós orientamos os participantes e explicamos que a MPB seria um estilo muito específico e de menor proporção ligado a alguns movimentos históricos e políticos. Já Música Popular seria algo mais abrangente, da qual fariam parte dela, por exemplo, a Bossa Nova e até mesmo a própria MPB.

Deixamos os cantores optarem por esses dois itens de forma livre. Acredito que uma reflexão sobre essa distinção possa fazer parte de pesquisas futuras. Ao mesmo tempo achamos ter sido importante ter as duas opções neste questionário, pois assim, gera uma reflexão dos integrantes sobre o assunto.

Como discutimos anteriormente sobre multiculturalismo e a diversidade que temos em sala, acreditamos ser importante apresentar também os gêneros e estilos musicais que foram citados na categoria “Outros”. Os participantes poderiam colocar mais de um estilo nesta opção.

Gráfico 5 – Opção “Outros”



Fonte: Elaborado pela autora

É importante comentar aqui a riqueza de outras possibilidades de gêneros mencionadas nessa resposta e que não foram pensadas inicialmente para essa pesquisa. Apesar das porcentagens não terem sido altas, nos leva a refletir sobre a necessidade desse diálogo constante do maestro com seus cantores. Mesmo sendo uma estudante de música, não me ocorreu incluir diversos estilos especificados nessas respostas.

Foi bastante curioso observar que um deles escreveu “Música Clássica” na opção Outros. O motivo que pode ter levado esse participante a responder desta forma, é o desconhecimento de que música clássica também pode ser chamada de música erudita. Considerando que o Coro Juvenil UNIRIO é um projeto que visa a musicalização dos jovens, é provável que em algum dos ensaios ele tenha contato com essa classificação e com o passar do tempo consiga fazer a associação.

4.3.3 Gêneros já cantados pelo Coro

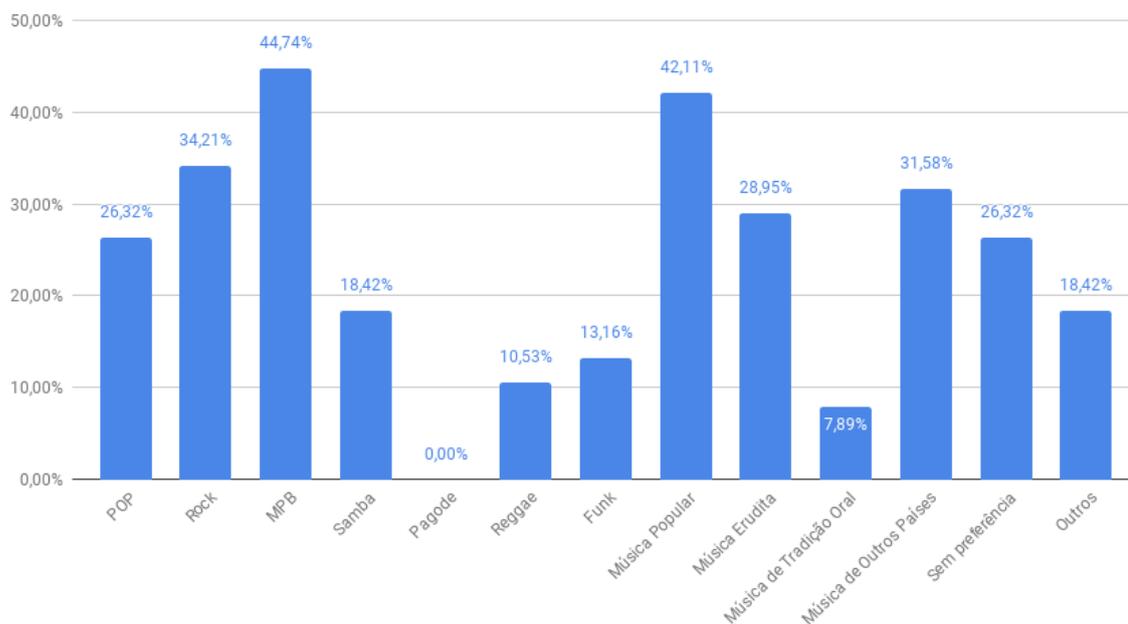
Na terceira questão os participantes deveriam assinalar quais gêneros musicais eles já cantaram no Coro. Todos os estilos foram assinalados com exceção de Pagode. Observando os primeiros gráficos, podemos ver que pagode era o estilo que os cantores menos escutavam. Isso pode ser um indício de que a escolha deste repertório esteja baseada no gosto e preferência dos cantores. Na opção “Outros” tivemos como respostas Rap, Forró e Baião.

Outro detalhe que chamou a atenção foi que um dos participantes que frequenta o Coro Juvenil UNIRIO há 3 anos, marcou o estilo musical Reggae. Apenas ele assinalou reggae como sendo um dos gêneros já cantado pelo Coro, enquanto participantes mais antigos não marcaram. O que torna isso curioso é que voltamos à questão anterior da música clássica. Talvez este participante desconheça o que é reggae. Pode ser que ele tenha uma visão equivocada do que seria o gênero ou até mesmo se confundido na hora de marcar. Com isso, mais uma vez fica explícita a necessidade de diálogo nos processos de educação musical. O fazer é fundamental, mas é muito enriquecedor para todo o grupo poder entender, conhecer e discutir o que estão fazendo, o que estão cantando e também, entender o universo musical de uma obra.

4.3.4. Preferência musical dos cantores

A quarta questão também foi de múltipla escolha onde os participantes precisavam assinalar suas preferências de gêneros musicais.

Gráfico 6 – Preferência musical dos cantores



Fonte: Elaborado pela autora

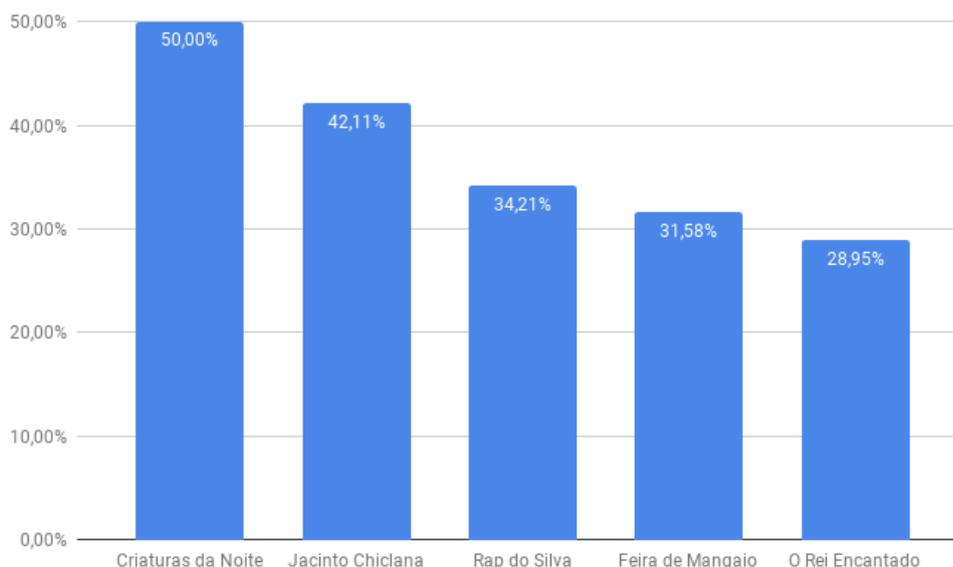
Através desse gráfico podemos observar que os gêneros de maior preferência dos participantes do Coro Juvenil UNIRIO são MPB, Música Popular, Rock, Música de outros países e Música Erudita. Comparando este gráfico com o Gráfico 4, que levanta os estilos escutados antes de entrar para o Coro, podemos notar que houveram diferenças entre as posições dos gêneros. O Pop que estava com a maior porcentagem no Gráfico 3, cai para o 6º lugar no gráfico de preferências.

Analisando todos os dados expostos aqui até o presente momento, poderíamos supor que a mudança de porcentagem dos gêneros tenha ocorrido através da apresentação de novos repertórios durante o processo de educação musical que ocorre nessa prática coral.

4.3.5. Gosto dos cantores em relação ao repertório do Coro

Na quinta questão os participantes tinham que citar 3 músicas que eles mais gostavam de cantar no Coro. Na sexta questão eles deveriam colocar as que menos gostavam de cantar. Foi pedido para que em ambas as questões que os participantes justificassem a escolha das peças. Faremos então, uma comparação entre as 5 peças mais votadas em cada uma dessas questões. No próximo gráfico encontraremos as peças que foram escolhidas como as que os cantores mais gostam de cantar.

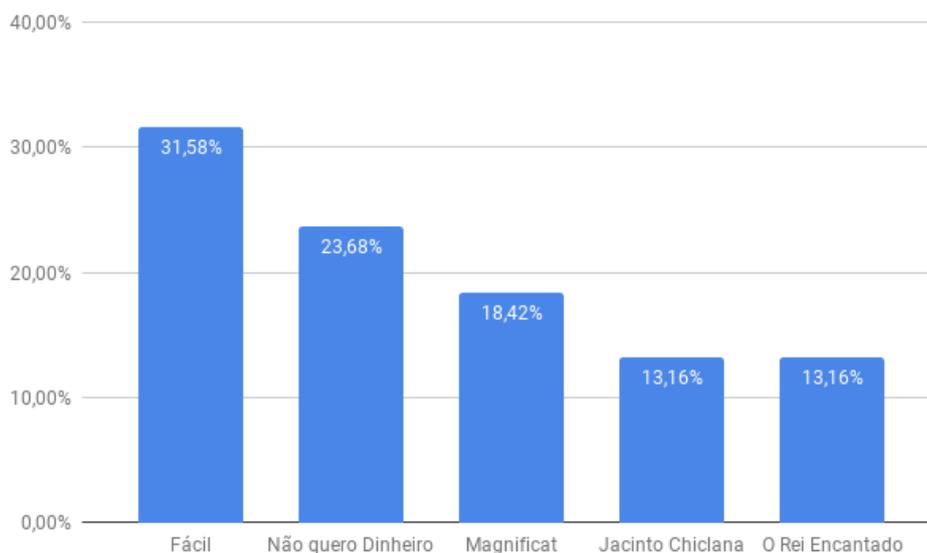
Gráfico 7 - Músicas que os cantores mais gostam de cantar



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico seguinte, veremos as 5 músicas votadas como as músicas que os cantores menos gostam de cantar.

Gráfico 8 - Músicas que os cantores menos gostam de cantar



Fonte: Elaborado pela autora

Vamos então observar as justificativas para a escolha das peças que eles mais gostam de cantar. Se tratando primeiramente da música “Criaturas da Noite”, encontramos algumas justificativas. Dentre elas estão “Sinto que minha voz sai bem nessa” e “Por que se aproxima do meu gosto pessoal”. Através dessas respostas percebemos o quão importante é escolher um

repertório próximo dos nossos alunos e que favoreça a voz deles, tomando cuidados com a tonalidade, por exemplo.

Já em relação a música “Jacinto Chiclana”, entre as justificativas encontramos “Pois gosto de cantar espanhol” e “Pela teatralidade”. Cantar em idiomas diferentes é um desafio enorme e bastante enriquecedor para o Coro. Além de toda a questão de tradução para entendermos o que estamos cantando, encontramos a dificuldade da pronúncia, não só do espanhol, mas de qualquer idioma.

A segunda justificativa também é bastante interessante, pois percebemos a importância da conexão do cantor com uma determinada música por sua teatralidade. Percebemos assim, o fato de o cantor conseguir se expressar artisticamente através de uma obra, mesmo que ela não tenha feito parte do repertório que conhecia antes de participar do Coro. Podemos também observar como músicas que anteriormente não eram conhecidas por eles, podem ser incorporadas nos gostos, enriquecendo sua experiência musical e de vida.

Na música “Rap do Silva” tivemos as respostas “É divertida e ao mesmo tempo reflexiva” e “Politicamente engajada, brasileira, da periferia”. A letra de uma música é algo que pode mexer extremamente com alguém. Esta música é um funk que fala sobre o baile e que realmente anima muita gente, mas traz consigo uma letra forte e nos faz refletir a respeito da violência que é vivenciada não só nas comunidades do Rio de Janeiro, mas em todo o país. É uma música que fez parte da vivência de muitos dos coristas do Coro Juvenil e essa identificação fez com que o repertório fosse bem aceito por eles.

“Feira de Mangaio” foi a quarta música mais votada. Entre as justificativas estava “É uma música divertida e dançante”. Os jovens do Coro Juvenil UNIRIO participam do coro por que gostam do ambiente, conversam, fazem novos amigos e se divertem. Precisamos fazer o possível para que o processo de aprendizagem seja divertido e interessante para eles.

Por fim das músicas que eles mais gostam de cantar, a quinta música é “O Rei Encantado”. Duas das respostas foram “Por se tratar de uma linda música nordestina” e “Pela dificuldade, mudanças.” Esta música é uma música de tradição oral nordestina com uma mensagem bem bonita. É uma peça que tem suas dificuldades como, por exemplo, mudanças de compassos, mudanças de andamento, articulações (staccato) e variação de dinâmicas.

Iniciamos as justificativas das músicas que eles menos gostam com a mais votada, “Fácil”. Dentre todas as respostas encontramos uma que contribuirá bastante para nossa reflexão. Um dos participantes respondeu que não gosta dessa música “Porque faz parte da Indústria Cultural” e observando essa resposta aparentemente mais madura, fui verificar a idade deste integrante. Após encontrar seu questionário, percebi que este integrante tem 21

anos e não é aluno da UNIRIO, sendo assim um colaborador do Coro. Arriscaria dizer que sua participação no coro não se dá apenas pela socialização e afinidade com o regente e os outros cantores, mas também pela oportunidade de cantar músicas desconhecidas por ele.

Com essa resposta, voltamos para um dos pontos mais importantes e significativos desta pesquisa, a música midiática, que faz parte da Indústria Cultural. Para esse participante cantar uma música que está na massa e nesse ambiente comercial não é interessante, o que nos leva a pensar até que ponto devemos manter uma música midiática em nosso repertório.

Outra fala foi “Acho muito repetitiva”. Observando esta fala juntamente com a questão levantada anteriormente, penso no que poderia ter levado esta peça a entrar para o repertório. Talvez possamos considerar a relação entre o coro e o público. Como é repetitiva e esteve em auge durante muito tempo nas mídias, pode ser uma música de fácil reconhecimento e participação do público nos concertos. Apesar dessa possibilidade, não podemos afirmar o real motivo e como o coro de forma geral encara esta peça. Seria necessário estabelecer um diálogo futuro com o grupo para entender melhor este caso.

Já na música “Não Quero Dinheiro”, as respostas foram diferentes. Encontramos “Não consigo decorar toda” e “Difícil adaptar por causa do jeito que eu cantava no outro Coro”. Decorar uma música para algumas pessoas pode ser fácil, já para outras pode ser uma dificuldade tremenda. É importante ao escolhermos uma música pensarmos nisso. Isso não significa que uma música com a letra grande deve ser evitada, mas podemos pensar em exercícios que auxiliam no processo de decorar, além de ensaiar por partes.

Como é uma música relativamente conhecida, muitas pessoas fizeram adaptações e arranjos para seus coros, o que para um participante nesse processo de mudança de um coro para outro, pode realmente considerar complicado se adaptar ao novo arranjo de uma peça já conhecida. Isso não é uma regra, pois também pode ser mais fácil por já saber a letra, por exemplo.

A terceira música que eles votaram como sendo uma das que menos gostam de cantar foi “Magnificat” de Mozart. Tivemos respostas bastante curiosas começando por essa que diz que não gosta muito de cantar esta peça porque “soprano só grita”. Um dos motivos que pode ter levado esse participante dar uma resposta como essa, deve ser a tessitura aguda da parte de sopranos dessa peça. Outra reflexão pode ser o equilíbrio entre os naipes. Essa já é uma peça aguda, se a quantidade de coristas nos naipes não estiver equilibrada, como por exemplo, o número de sopranos para essa música for consideravelmente maior que os outros naipes, realmente irá parecer que as sopranos só cantam forte e até gritam.

É válido ressaltar que esta é apenas uma das músicas eruditas executadas pelo Coro Juvenil UNIRIO. Isso pode significar que eles apreciam outras peças desse estilo, mostrando assim a abertura que este grupo tem para este tipo de repertório, que também pode ser significativo para eles.

Não foram apresentadas aqui todas as respostas dadas pelos cantores, mas considero importante também destacar uma peça mesmo não tendo sido uma das mais votadas como preferidas. Sendo assim, destaco a Ópera *Dulcinéia e Trancoso*, que foi realizada na UNIRIO com a participação deste Coro. Ela é o exemplo de um repertório brasileiro que muitos dos cantores não conheciam, porém se identificaram através dos trechos de frevo e maracatu que são apresentados na obra, mas não deixando de ser uma ópera e ter toda uma técnica de canto erudito envolvido.

Além desta questão multicultural apresentada nesta obra, acredito ser importante também o fato da ópera ser algo interdisciplinar. Através dela, o Coro esteve diretamente ligado ao teatro, dança e cenografia. Foi um processo trabalhoso, porém enriquecedor e muito significativo.

Observando este quadro notamos que partes das músicas que estão entre as favoritas, também estão entre as que eles menos gostam de cantar. Isso acontece com “*Jacinto Chiclana*” e “*O Rei Encantado*”. É curioso observar que os porquês são basicamente os mesmos. Pelo motivo de “*Jacinto Chiclana*” ser em espanhol, parte dos cantores adora e outros não gostam tanto.

No caso de “*O Rei Encantado*” é que gera isso é o fato de que por ser uma música nordestina e de tradição oral, muitos gostam, mas muitos também acreditam que ela deve ser mais simples harmonicamente e manter características que remetem o Nordeste sem nenhuma mudança e sem um arranjo mais elaborado, pois, segundo eles, altera muito a música de tradição oral.

O fato de encontrarmos as mesmas músicas sendo mais e menos apreciadas nos faz refletir sobre o principal assunto deste trabalho que é o repertório num processo de educação musical e a importância de escolher um repertório multicultural e diversificado. Um grupo de pessoas nunca terá um gosto unificado, e na prática coral um dos aprendizados mais importantes é o convívio e respeito às diferenças. Isto é, apesar de termos gostos, escolhas e opiniões diferentes, podemos conviver e fazer parte de um mesmo grupo.

O fato de em um momento cantarmos a música que um gosta e depois cantarmos o que o outro gosta, é um exercício de cidadania. Saber lidar com o outro e com suas

singularidades é fundamental. Não podemos negar que essas questões que estamos abordando trazem um aprendizado de relações sociais e humanas.

4.3.6 Diferentes repertórios

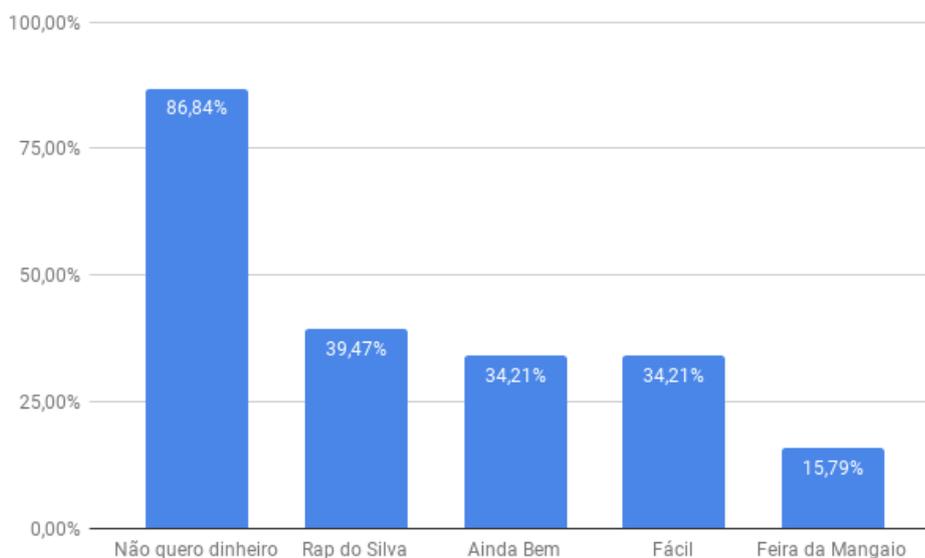
Na sétima questão os participantes precisavam marcar se eles já conheciam alguma música do repertório trabalhado no Coro. Entre as alternativas sim e não, 100% dos participantes assinalaram que sim, eles conheciam pelo menos uma música do repertório. Percebemos assim que as peças trabalhadas por eles podem ter relação com a vivência ou ao menos ser conhecida por eles. Vemos também que existe todo um cuidado na escolha do repertório que será trabalhado pelo grupo. Esse cuidado é para que parte do repertório cantado por eles seja um repertório familiar a todo o grupo.

O resultado da oitava questão foi idêntico, porém a pergunta era se o conhecimento deles sobre diferentes repertórios foi ampliado através do Coro. Com esse resultado, podemos dizer que a prática coral utilizando um repertório multicultural e diversificado pode ser interessante, enriquecedor e trazer mudanças significativas da forma como nossos alunos enxergam outras culturas.

4.3.7 Antes e Depois

Na nona questão os participantes precisavam escrever quais eram as músicas trabalhadas no coro eles já conheciam. Dentre todas elas, separamos as cinco mais votadas e fizemos um gráfico com a porcentagem de votos.

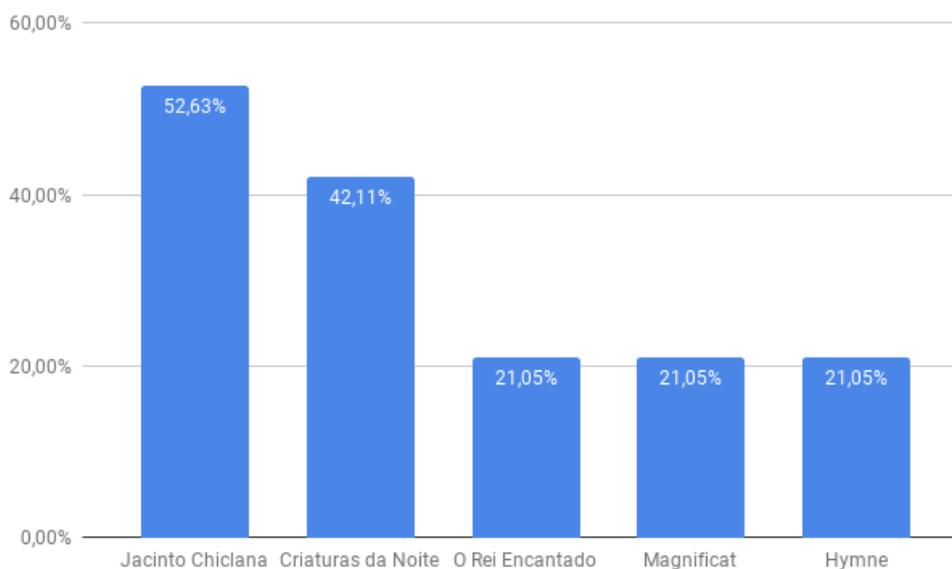
Gráfico 9 - Músicas do repertório que os cantores já conheciam



Fonte: Elaborado pela autora

A questão seguinte - questão de número 10 - os participantes precisavam escrever quais as músicas que eles conheceram depois de entrar para o Coro. No gráfico abaixo veremos as cinco músicas mais citadas juntamente a porcentagem de votos.

Gráfico 10 - Músicas que conheceram depois de entrarem para o Coro



Fonte: Elaborada pela autora

Comparando o resultado dessas duas questões, podemos ver que grande parte do repertório que eles já conheciam não é erudito. Mas notamos também que entre as músicas que conheceram depois de entrar para o Coro, está “Magnificat” de Pachelbel, uma peça

erudita. Essa peça trabalhada por eles foi apresentada pelo regente do grupo. Já a peça citada como mais conhecida por eles na questão anterior - “Não quero dinheiro” - foi arranjada e apresentada por um dos participantes. Isso nos faz com que voltemos ao início deste trabalho, onde citamos Freire (1996; 1998) e Figueiredo (2006) com suas ideias de troca de conhecimentos entre o educador/regente e os estudantes/cantores e a importância do repertório nessa prática.

4.3.8 Conhecido *versus* Desconhecido

Essas questões foram questões de múltipla escolha. Na questão nº11, os participantes precisavam assinalar a alternativa que melhor completava a afirmação “Me motiva mais cantar um repertório...”. As alternativas foram “Que já conheço” ou “Que não conheço”, existindo também a possibilidade de marcar ambas. O resultado desta questão foi que 14 participantes (36,84%) votaram em ambas alternativas, 13 completaram a frase com a opção “Que não conheço” (34,21%) e os 11 restantes votaram que os motiva em cantar um repertório que já conhecem (28,95%).

A questão de nº12 era para completar a frase “Me sinto bem cantando um repertório...”. As opções que eles poderiam marcar eram “Que tem relação com minha vivência” e “Que não tem relação com minha vivência, podendo também assinalar ambas. Nesta questão tivemos como resultado 20 participantes assinalando que se sentem bem cantando um repertório que tem relação com a vivência deles (52,63%), 11 marcando que se sentem bem cantando peças que fazem e que não fazem parte da vivência deles (28,95%) e 7 assinalando que se sentem bem cantando um repertório que não faz parte da vivência deles.

Na questão de número 13, os participantes precisavam completar a frase “Considero mais importante trabalhar um repertório...”. Entre as alternativas estavam “Conhecido por mim” e “Desconhecido por mim”, sendo permitida a marcação de ambas. Nos resultados tivemos 4 participantes considerando enriquecedor um repertório conhecido (10,53%), 28 afirmando que um repertório desconhecido é mais enriquecedor (73,68%) e 6 participantes assinalando que trabalhar ambos pode ser enriquecedor (15,79%).

Através dessas três questões foi possível observar que a maioria dos cantores se sente bem cantando um repertório que tem relação com a vivência deles, nos mostrando a necessidade de considerarmos o universo cultural deles. Outro ponto a ser observado foi o fato de mais de 70% dos cantores considerarem mais enriquecedor cantar um repertório desconhecido por eles. Percebemos assim a necessidade de escolhermos um repertório

diversificado e multicultural para que além de ser considerado todo o universo cultural daquele grupo, haja uma troca entre o educador e o estudante e uma ampliação de conhecimentos de ambos.

4.3.9 Novas peças sugeridas pelos cantores

Nessa pergunta os participantes precisavam responder se participar do Coro Juvenil UNIRIO ampliou o gosto musical deles. Dos 38 participantes, apenas 3 (7,89%) marcaram que não. As justificativas foram praticamente as mesmas de que já escutavam muitos estilos diferentes antes mesmo de participarem do Coro.

Entre as justificativas dos outros 35 (92,11%) que responderam sim, encontramos coristas dizendo tiveram contato com ritmos que antes do Coro passavam longe; se tornaram mais pacientes em ouvir outros tipos de gêneros musicais; passaram a ouvir música erudita, brasileira e de tradição oral por causa do Coro; e que ganharam mais conhecimento e agregaram culturas novas e diferentes das que conhecem.

A questão de nº 15 foi a última questão do questionário. Nela os participantes poderiam deixar sua sugestão para uma nova peça a ser trabalhada no Coro. Encontramos rock, pop, funk, música de outros países, música de tradição oral, choro, MPB, música popular, reggae, baião, gospel e muito outros gêneros, mostrando assim a riqueza cultural de nossos alunos.

4.4 Análise das respostas dos arranjadores

O questionário foi distribuído para os arranjadores que já escreveram arranjos para o Coro Juvenil UNIRIO. Ao total foram 4 arranjadores entrevistados. Vamos agora então analisar as respostas dos questionários.

A primeira pergunta foi se eles já participaram ou participam do Coro Juvenil UNIRIO e todos eles responderam que atualmente participam. A segunda questão foi sobre o tempo de participação. O menor tempo de participação é de 1 ano e o maior de 4 anos.

A terceira pergunta foi sobre o que os motivos que os levaram a escrever um arranjo para o Coro, e como respostas tivemos a possibilidade de escrever um arranjo e ver se funciona na vida real; ter a experiência e aprender a escrever para coro; e por causa do incentivo e dos comentários dos amigos e membros do Coro.

Já na quarta questão buscamos saber de quais as peças que eles fizeram os arranjos. São elas: “Fácil” de Rogério Flausino e Wilson. Sideral - Banda Jota Quest, “Não quero dinheiro” de Tim Maia, “Rap do Silva” de MC Bob Rum, “Game of Thrones” de Ramin Djawadi e “Lay all your on me” de Björn Ulvaeus e Benny Andersson - ABBA.

Na quinta questão eles precisavam responder quais foram as motivações que os levaram a escolher aquela peça especificamente. Entre os motivos encontramos a influência e pedidos dos coristas, o gosto musical dos próprios arranjadores e o incentivo do regente do Coro para com esses arranjadores, desafiando-os a escrever e oferecendo a possibilidade de trabalhar seus arranjos no Coro.

Com relação a sexta e última questão, os arranjadores deveriam assinalar se a peça escolhida foi sugestão de algum participante do Coro. Entre os 4 arranjadores entrevistados, 3 responderam que sim e apenas 1 respondeu que não. Esses arranjadores mesmo não estando à frente do grupo regendo ou coordenando os ensaios, em suas escolhas acabam desenvolvendo também um papel de educador.

Muitos deles observaram o grupo e colheram informações a respeito do que o grupo gostava e estava querendo cantar para que depois fizessem o arranjo, mas ao mesmo tempo tentaram unir o gosto deles. Com relação ao que fez o arranjo de uma peça sem ter sido sugestão de algum participante, esse também precisou pensar e decidir trabalhar um repertório que não foi trazido por eles, mas que certamente acrescentou a eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos foi possível refletir sobre a importância da escolha do repertório em um trabalho de educação musical. No primeiro capítulo, vimos que a prática coral era utilizada em cultos e manifestações religiosas. Notamos que no decorrer dos anos, ela passou a ser realizada também em escolas, como uma prática de educação musical.

Ainda no primeiro capítulo, vimos a importância e o potencial que a prática coral tem em relação ao desenvolvimento humano. Pudemos perceber através de Freire (1996) a existência de uma socialização nos processos educacionais e a necessidade de considerar a bagagem trazida pelos participantes desses processos. Por meio de Figueiredo (2006) e Lakschevitz (2006), notamos que através da prática coral as pessoas trabalham a socialização, o respeito pelo outro, o trabalho em equipe e muitas outras questões referentes ao desenvolvimento humano.

No segundo capítulo, tivemos como principal discussão a utilização de um repertório diversificado e multicultural. Através de Candau (2011), discutimos o conceito de multiculturalismo interativo, conhecido também como interculturalidade. Vimos que esta ideia poderia ser trabalhada em nossas aulas através do repertório.

No terceiro capítulo deste trabalho, apresentamos uma reflexão sobre o repertório trabalhado no Coro Juvenil UNIRIO. Através dos questionários respondidos pelos integrantes do Coro a importância das trocas nos processos educacionais que Freire (1996, p.28) fala. Mediante as respostas, conseguimos visualizar claramente que nossos alunos trazem consigo uma bagagem e todo um universo cultural, e o quão importante é considerarmos isso. Entendemos que além dos alunos, o educador também tem sua identidade e universo cultural. Sendo assim, consideramos a importância de trabalharmos repertórios de interesse de ambos.

Considerando as discussões anteriormente propostas sobre a variedade de grupos e suas características, percebemos a necessidade de todo um cuidado do educador quanto a escolha do repertório. A pesquisa realizada com o Coro Juvenil UNIRIO para entender como seus integrantes se relacionavam com o repertório foi extremamente rica. Ao conhecer a opinião de seus cantores pudemos perceber a relação entre o que foi dito por Ribeiro (2015), Santos (2017) e a prática desse grupo.

Sabendo da diversidade que existe no nosso país - cor, credo, etnias, nível intelectual e classe social - muitas das vezes privilegiamos uma única cultura. Com isso, nos limitamos e deixamos de ampliar os nossos horizontes e os de nossos alunos.

Encontramos nas nossas turmas e nossos coros pessoas com diferentes bagagens culturais. Em uma sala de aula ter várias pessoas querendo cantar o mesmo repertório e o mesmo gênero, é quase impossível, isso só reforça a necessidade da utilização de um repertório diversificado.

A busca pela ampliação cultural de nossos alunos não é um trabalho simples e fácil. É necessário que haja investimento de tempo, atenção, pesquisa e dedicação nossa ao grupo para que os encontros sejam produtivos, interessantes e que de fato haja uma ampliação de conhecimento e cultura. Assim como queremos nossos alunos abertos para novas visões e perspectivas, precisamos estar abertos para o que virá da parte deles também.

Ao considerarmos o universo cultural de nossos alunos estamos mostrando - mesmo que sem palavras - respeito, cumplicidade e cumprindo nosso papel de educador que é oferecer meios para que os caminhos possam ser abertos e ampliados.

Esperamos que este trabalho tenha contribuído e mostrado a importância de utilizarmos um repertório multicultural, fazendo uso do repertório mais variado possível - seja midiático, de tradição oral, erudito, popular ou de qualquer outra vertente - em nossas aulas. Acreditamos que pesquisas futuras possam ser feitas no intuito de compreender como se dá a aproximação dos cantores nos diversos tipos de repertório. Aprofundar as relações entre seu meio social de origem, sua história de vida e seu gosto musical. Um domínio maior dessas questões certamente contribuirá para um melhor planejamento de um maestro que saiba a importância de seu papel como educador musical.

REFERÊNCIAS

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

_____. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A.; CANDAU, V. (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.13-37.

CHEVITARESE, Maria José. *O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia*. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro.

COSTA, Patricia Soares Santos. *Características do repertório para coro juvenil: verificação de especificidades*. 2017. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: Lakschevitz, E. (Org.). *Ensaio: Olhares sobre a música coral brasileira*. 2006. p.03-28.

GUAZINA, Laize S. *Práticas musicais em Organizações Não Governamentais: uma etnografia sobre a (re)invenção da vida*. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LAKSCHEVITZ, Elza. Reflexões sobre a prática de coro infantil. In: Lakschevitz, E. (Org.). *Ensaio: Olhares sobre a música coral brasileira*. 2006. p. 29-53.

LIMA, Lila Rosa de. Canto Coral. In: RIGO, J.C.; TRAPP, M.G. (Orgs.). *O modelo e suas dicas de saúde: NATIEx - Núcleo de Atendimento à Terceira Idade do Exército*. Porto Alegre, RS. EDIPUCRS, 2008. p. 71-78.

OLIVEIRA, Cleodiceles Branco Nogueira de. *A prática do canto coral infantil como processo de musicalização*. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

RIBEIRO, Carlos Alberto. *Relação entre o repertório das aulas de música e as preferências dos alunos sob a ótica do professor*. 2015. Projeto de TCC. Universidade de Brasília. Goiás.

SANTOS, Cleonice dos. *Preferências musicais de alunos de 5a a 8a série da rede municipal de ensino de Curitiba: “significados da escuta”*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SILVA, Ana Martins Goulart. *O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

APÊNDICE

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso - 1
Aluna Melissa Cathaldo – ano 2018
Questionário – CORO JUVENIL UNIRIO

Questionário - Coro Juvenil UNIRIO (integrantes)

Idade: _____ Tempo de participação: _____

1) Você é estudante de música da UNIRIO?

Sim Não

2) Assinale os gêneros musicais que ouvia antes de entrar para o Coro Juvenil.

Pop Rock MPB Samba Pagode Reggae Funk Música Popular
 Música Erudita Música de Tradição Oral Música de outros países
 Outros: _____

3) Assinale os gêneros musicais que já cantou no Coro Juvenil.

Pop Rock MPB Samba Pagode Reggae Funk Música Popular
 Música Erudita Música de Tradição Oral Música de outros países
 Outros: _____

4) Tem preferência por alguns gêneros? Se sim, quais?

Não tenho preferência Pop Rock MPB Samba Pagode Reggae (
 Funk Música Popular Música Erudita Música de Tradição Oral Música de
outros países Outros: _____

5) Cite 3 músicas que você mais gosta de cantar no Coro Juvenil. Por quê?

1. _____
2. _____
3. _____

6) Cite 3 músicas que você menos gosta de cantar no Coro Juvenil. Por quê?

1. _____
2. _____
3. _____

7) Você já conhecia alguma(s) das músicas trabalhadas no Coro Juvenil?

Sim Não

8) Participar do Coro ampliou seu conhecimento sobre diferentes repertórios?

Sim Não

9) Cite 3 músicas que já conhecia antes de entrar para o Coro Juvenil.

1. _____

2. _____

3. _____

10) Cite 3 músicas que conheceu depois de entrar para o Coro Juvenil.

1. _____

2. _____

3. _____

11) Me motiva mais cantar um repertório:

Que já conheço Que não conheço

12) Me sinto bem cantando um repertório:

Que tem relação com minha vivência Que não tem relação com minha vivência

13) Considero mais enriquecedor trabalhar um repertório:

Conhecido por mim Desconhecido por mim

14) Você acha que participar do Coro Juvenil ampliou seu gosto musical? Justifique.

15) Se você pudesse escolher uma nova peça para ser trabalhada no Coro Juvenil, qual seria?

Por quê?

OBS.: Se achar necessário marcar duas alternativas nas questões de múltipla escolha, fique a vontade para marcar ambas.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso - 3

Aluna Melissa Cathaldo – ano 2018

Questionário – CORO JUVENIL UNIRIO

Questionário - Coro Juvenil UNIRIO (arranjadores)

Idade: _____

Participa ou já participou do Coro Juvenil UNIRIO?

() Sim () Não

Em que período participa ou participou do Coro Juvenil UNIRIO?

O que te motivou a escrever um arranjo para o Coro Juvenil?

Você fez arranjo de qual peça?

Quais foram as motivações que o levaram a escolher essa peça?

Foi sugestão de algum participante do Coro?

(Caso faça parte do Coro, não se considere nessa resposta)

() Sim () Não

Repertório do Coro Juvenil UNIRIO 2018

- “**Ainda Bem**” – Marisa Monte – Arr. Luciano Lunkes
 “**Ave Verum Corpus**” (K618) – Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)
 “**Cantate Domino**” – Hans Leo Hassler (1564-1612)
 “**Criaturas da Noite**” – Flávio Venturini e Luís Carlos Sá – Arr. Vicente Ribeiro
 “**Encontros e Despedidas**” – Milton Nascimento – Arr. Augusto Ordine
 “**Espanhola**” – Flávio Venturini e Guarabyra – Arr. Wagner Garotti Jr.
 “**Fácil**” – Rogério Flausino e Wilson Sideral (Banda Jota Quest) – Arr. Daniel Leon
 “**Feira de Mangaio**” – Sivuca (1930-2006) e Glorinha Gadelha (1947) – Arr. Mauricio Garritano
 “**Fuga Proverbial**” – Osvaldo Lacerda
 “**Game of Thrones**” – Ramin Djawadi – Arr. Lorena Belloti e Renato Reis
 “**Hymne**” – Grupo Era – Arr. João Isaac Marques
 “**Jacinto Chiclana**” – Astor Piazzolla (1921-1992) – Poesia de Jorge Luis Borges
 “**Laudate Dominum**” – Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)
 “**Magnificat**” – Johann Pachelbel (1653-1706)
 “**Não Quero Dinheiro**” – Tim Maia – Arr. Érico Alexandre
 “**One Mile**” – Rollo Dilworth (Incorporating the African-American spiritual, “By and By”)
 “**O Rei Encantado**” – José Alberto Kaplan (1953-2009)
 “**Rap do Silva**” – MC Bob Rum – Arr. Rafael Santos
 “**The sound of Music**” – Richard Rodgers – Poesia de Oscar Hammerstein
 “**Vesperae Solennes de Confessore**” (K339) – Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)
 “**Vespro della B. Virgine – Domine ad adjuvandum**” – Claudio Monteverdi (1567-1643)
 “**Vida Nova**” – Gualtiori Beloni Filho – Poesia de Thiago de Mello – Arr. Samuel Kerr